

# Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia

## Challenges and Prospects of the Amazon Special Synod Preparation Process

Recebido: 16/06/2019 | Aceito: 23/12/2019

Márcia Maria de Oliveira\*

**Resumo:** Este breve artigo apresenta algumas reflexões que brotam da vivência do processo de preparação do Sínodo para a Amazônia. Aborda alguns recortes da participação no V Simpósio Internacional do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica da São Paulo – PUC/SP, e pontua alguns fragmentos da leitura do texto “Os patrões do Purus: elites fundiárias, poder e novas dinâmicas territoriais no sul do Amazonas” (COSTA, 2017) que apresenta os aspectos históricos dos processos de subjugação e dominação dos diversos povos da Amazônia a partir do processo de colonização. Objetiva apresentar contribuições para o debate do tema da sociobiodiversidade da região Pan-Amazônica, bem como as lutas e resistências desses povos que sobreviveram e continuam sobrevivendo a inúmeros processos de colonização. Apresenta pressupostos teóricos e conceituais para o entendimento do paradigma do Bem Viver enquanto experiência de cuidado da *Casa Comum* vivenciada pelos diversos povos da Amazônia, com destaque para o protagonismo das mulheres.

**Palavras-chave:** Amazônia; Sociobiodiversidade; Sínodo; Igreja Católica; Ecologia Integral.

**Abstract:** This brief article presents some reflections that spring from the experience of the Synod preparation process for the Amazon. It discusses some of the participation in the V International Symposium of the Graduate Program in Theology of the Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC/SP, and it points out some fragments of reading the text “Purus's bosses: land elites, power and new territorial dynamics in southern Amazonas” (COSTA, 2017) which presents the historical aspects of the subjugation and domination processes of the various Amazonian peoples from the process of colonization. It aims to present contributions to the debate on the theme of socio-biodiversity of the Pan-Amazon region, as well as the struggles and resistances of these peoples who survived and continue to survive numerous colonization processes. It presents theoretical and conceptual presuppositions for the understanding of the Good Living paradigm as an experience of caring for the Common House lived by the various peoples of the Amazon, highlighting the protagonism of women.

**Keywords:** Amazon; Socio-biodiversity; Synod; Catholic church; Integral ecology.

\* Doutora em sociedade e Cultura na Amazônia; professora da Universidade Federal de Roraima; assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM; perita do Sínodo Especial para a Amazônia (2018-2019).

<http://revistas.pucsp.br/culturateo>

## Introdução

Este texto é um recorte da conferência de abertura, intitulada “a sociobiodiversidade na Amazônia”, e da contribuição da Mesa Redonda, intitulada “Chagas Amazônia adentro”, ambas realizadas no V Simpósio Internacional do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica da São Paulo – PUC/SP, entre os dias 20 e 22 de agosto de 2019<sup>1</sup>.

Por Amazônia, compreende-se, aqui, todo o território do bioma que abrange uma parte do Brasil, da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colômbia, da Venezuela, da Guiana, do Suriname e da Guiana Francesa, em uma extensão de 7,8 milhões de quilômetros quadrados, no coração da América do Sul. As florestas amazônicas cobrem aproximadamente 5,3 milhões de km<sup>2</sup>, o que representa 40% da área de florestas tropicais do globo e aproximadamente 30% da superfície do planeta.

Entre muitas definições e apreciações, a sociobiodiversidade é um conceito que envolve a relação entre a diversidade biológica, os sistemas agrícolas tradicionais (agrobiodiversidade) e o uso e manejo desses recursos junto do conhecimento e cultura das populações tradicionais e agricultores familiares.<sup>2</sup> Conforme o Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade – MDA/MMA/MDS, são bens e serviços gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse de povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem.

Na Amazônia, o termo sociobiodiversidade está estreitamente relacionado com a temática do ecossistema que foi utilizado pela primeira vez em 1935 pelo botânico inglês Arthur George Tansley (1871-1955)<sup>3</sup>. De acordo com Tansley (1935), trata-se do conjunto de comunidades que vivem em um determinado local e interagem entre si e com o meio ambiente, constituindo um sistema estável, equilibrado e autossuficiente. Desde então, faz parte do vocabulário da comunidade científica e da sociedade.<sup>4</sup>

Por sua vez, o ecossistema está vinculado ao conceito de bioma entendido como conjunto dos seres vivos de uma determinada área ou o conjunto de ecossistemas terrestres. Para Coutinho (2006, p. 14), “a origem e a evolução do conceito” bioma passou por diversas variáveis no decorrer da história. Para entender os Ecossistemas da

---

1 Expresso meus sinceros agradecimentos ao professor doutor Matthias Grenzer, Coordenador do PPG em Teologia PUC-SP pelo convite e pela confiança da conferência de abertura, ao doutorando padre Fernando Gross pela gentileza de toda logística de deslocamentos e às irmãs Paulinas pela hospitalidade da acolhida fraterna durante o congresso.

2 Conceito trabalhado pelo Projeto Sociobiodiversidade vinculado ao Instituto Ipê no Baixo Rio Negro. Disponível em <<https://www.ipe.org.br/en/projects/baixo-rionegro/65-projeto-sociobiodiversidade>>. Acesso em 15 ago. 2019.

3 As primeiras definições conceituais de ecossistema são do biólogo Arthur George Tansley publicadas em “The use and abuse of vegetational concepts and terms” (Tansley, 1935).

4 Conceito acionado por instituições científicas, como em: <<http://oguata.cead.udesc.br/index.php/2019/11/14/o-que-e-ecossistema/>>.

Amazônia, é preciso compreender o Bioma Amazônia, naquela perspectiva da Laudato Si<sup>5</sup> que define que “tudo está interligado nesta Casa Comum” (LS, 2015, p. 29).

O Bioma Amazônia foi amplamente refletido e aprofundado na Campanha da Fraternidade 2017<sup>6</sup>, que enfatizou que, apesar de toda sua importância, já teve mais de 16% de sua área de florestas desmatada. Ao mesmo tempo, observa que, cada vez mais, os povos da Amazônia se posicionam em defesa dos Ecossistemas dessa imensa região.

## 1. Ensinamentos do Processo Sinodal

O processo sinodal iniciou-se, oficialmente, em 15 de outubro de 2017 com a convocação do Papa Francisco. Entretanto, o Sínodo dos Bispos, ou a Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica intitulada “Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”, foi uma resposta do Papa Francisco ao pedido das Conferências Episcopais da Pan-Amazônia feito no início de 2014, que estavam preocupadas com a questão da devastação da Floresta Amazônica e com seus povos ameaçados, especialmente os Indígenas.

O Sínodo está voltado para toda região Amazônica dos nove países que a compõem: Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Suriname, Guiana Inglesa, Venezuela, Guiana Francesa e Bolívia. Com os povos indígenas, em sua visita a Porto Maldonado, Peru, em 19 de janeiro de 2018, o Papa Francisco nos convoca a ouvir os Povos da Amazônia, de maneira especial os Povos Indígenas, numa metodologia pautada na colegialidade, um conceito que caracteriza cada fase do processo sinodal, desde a preparação do Documento Base até as conclusões das Assembleias Sinodais e elaboração do *Instrumentum Laboris*, passando pelas duas Assembleias Pré-Sinodais e pela devolutiva às bases na caminhada rumo à Assembleia Sinodal, a realizar-se em Roma de 06 a 27 de outubro de 2019.

O processo sinodal tem marcado profundamente a história da Igreja Católica na imensa Amazônia e representa uma oportunidade para se fazer memória, reconhecer os erros e acertos do passado e redefinir novos projetos à luz da teologia da criação guiada pela proposta da Ecologia Integral. Caracterizou-se por um profundo processo de escuta que envolveu perto de 100 mil pessoas simultaneamente nos nove países que formam a Pan-Amazônia.

O processo sinodal contribuiu para repensar a relação entre a humanidade e o meio ambiente na sua totalidade e, com isso, o reconhecimento da Natureza como sujeito de direito. Nessa perspectiva, a visão antropocêntrica utilitária está superada, o que significa dizer que os humanos não podem mais submeter os recursos da Natureza a

---

5 Encíclica assinada pelo Papa Francisco em 2015. Neste texto, utilizaremos a referência LS nas citações da referida encíclica.

6 A Campanha da Fraternidade é uma campanha realizada anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no período da Quaresma. Em 2017, o tema foi: tema: “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida” e o lema: “Cultivar e guardar a Criação” (Gn 2,15). Texto disponível em: <<http://materiais.edicoescnbb.com.br/cartaz-campanha-da-fraternidade-2017>>.

uma exploração meramente comercial ilimitada, que coloca em risco a própria humanidade.<sup>7</sup>

A mercantilização da Amazônia coloca em risco a vida da *pachamama*<sup>8</sup> e das gerações futuras, negando-lhes a promessa de Jesus que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (João 10,10). A Amazônia é uma “herança gratuita que recebemos para proteger como espaço precioso da convivência humana com responsabilidade compartilhada para o bem de todos e todas” (DAp. 471; IL, 22).

O ecocídio, enquanto ação de um “antropocentrismo despótico, que se desinteressa pelas outras criaturas” (LS, 68), contribui para o genocídio irresponsável e egoísta que só poderá ser impedido com uma ampla aliança entre as Igrejas cristãs e outras religiões comprometidas com a vida na Amazônia, num intenso diálogo com os parlamentos dos países amazônicos para a formulação de leis que reconheçam a natureza como sujeito de direito. Nessa perspectiva, a Ecologia Integral é uma importante referência para o aprofundamento teológico e pastoral, em perspectiva ecumênica e inter-religiosa, tendo em vista a necessidade urgente do desenvolvimento de uma Doutrina Socioambiental da Igreja.

Muito povos vêm resistindo a esse processo de morte e representam hoje uma presença profética que incomoda a ordem estabelecida. Apesar do fato de a comunidade internacional ter explicitamente reconhecido e exigido a proteção dos povos da Amazônia (IL, 52), é paradoxal que lideranças camponesas, indígenas, ribeirinhas, quilombolas e até comunidades inteiras sejam criminalizadas, simplesmente por reivindicar seus direitos e defender a Amazônia.

O *Instrumentum Laboris* (IL) é o segundo documento em preparação ao sínodo especial para a Amazônia. É o Documento de Trabalho que orientará a metodologia da Assembleia Sinodal no processo de elaboração do documento final, a Exortação Apostólica, que será assinada pelo Papa Francisco com o objetivo de orientar a caminhada da Igreja em toda Pan-Amazônia.

A Exortação Apostólica terá, como referencial, a caminhada da Igreja na Amazônia. Porém, será voltado para toda Igreja, com indicações de metodologias pastorais, orientações teológicas e eclesiológicas gerais e, ao mesmo tempo, específicas para essa região.

Pedagogicamente, o *Instrumentum Laboris* é o documento que sintetiza a primeira parte do Sínodo para a Amazônia, que mobilizou cerca de 86 mil pessoas nos 9 países que compõem a Pan-Amazônia. Foram diversas formas de participação nas comunidades, nos grupos de reflexão, nas rodas de conversas, em diversos fóruns temáticos, seminários e, de modo especial, nas Assembleias Territoriais que reuniram todo o Povo de Deus com os bispos locais, o clero e a Vida Religiosa. Essa diversidade de formas de participação foi denominada de Escuta Sinodal. Os múltiplos eventos foram sistematizados e cerca de 800 relatórios foram enviados para pontos estratégicos de síntese, coordenados pela Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM, responsável pela sistematização de todo processo de escuta e por zelar toda documentação produzida ao longo do processo sinodal.

7 Convenção sobre a Diversidade Biológica, assinada no Rio de Janeiro, durante a ECO-92.

8 Em quéchua, *pachamama* refere-se à terra como mãe.

A estrutura do *Instrumentum Laboris* se baseia nas três conversões às quais o Papa Francisco nos convida: a conversão pastoral, fundamentada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*; a conversão ecológica, por meio da Encíclica *Laudato Si'*, que orienta a direção do processo sinodal; e a conversão à sinodalidade eclesial, mediante a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* (2018), que estrutura a caminhada conjunta de toda a Igreja na Pan-Amazônia.

Seguindo o processo sinodal, o *Instrumentum Laboris* desafia a Igreja a ser novamente ouvinte nessa região, que atualmente é a segunda área mais vulnerável do planeta em relação à mudança climática provocada pelos seres humanos (IL, 2019, p. 9). Essa convocação acena para um eixo importante da Assembleia Sinodal que é o tema da descolonização das práticas pastorais. Nessa perspectiva, o *Instrumentum Laboris* aprofunda o tema do Bioma Amazônia, afirmando que “este Sínodo se desenvolve ao redor da vida: a vida do território amazônico e de seus povos, a vida da Igreja, a vida do planeta. Como refletem as consultas às comunidades amazônicas, a vida na Amazônia se identifica, entre outras coisas, com a água do rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo” (IL, 2019, p. 9-10).

Essa mesma reflexão fundamenta o cuidado com o bioma na perspectiva da teologia da criação, evocada no artigo 12 do *Instrumentum Laboris*: “Jesus oferece uma vida em abundância (cf. Jo 10, 10), uma vida repleta de Deus, uma vida salvífica (*zōē*), que começa na criação e se manifesta já no mais elementar da vida (*bios*)”. Na Amazônia, ela se reflete em sua abundante biodiversidade e em suas culturas.

Além da dimensão ambiental, também os povos da Amazônia se encontram extremamente ameaçados. De modo especial, os povos indígenas estão em condições vulneráveis na atual conjuntura política. Em seu encontro com os Povos Indígenas em porto Maldonado, na Amazônia Peruana, em janeiro de 2018, o Papa Francisco insistia: “É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos” (IL, 2019, p. 8).

O *Instrumentum Laboris* apresenta ainda outro grande desafio para novos estudos e aprofundamento, qual seja, a questão das cidades da Amazônia, que têm crescido muito rapidamente e recolhido muitos migrantes internos e internacionais, deslocados, na sua grande maioria, de forma compulsória e empurrados para as periferias de grandes centros urbanos que avançam floresta adentro.

Na sua maioria os migrantes são povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas expulsos pelos garimpos e mineradoras, encurralados pelas madeireiras, e machucados nos conflitos agrários e socioambientais resultantes da omissão falaciosa do Estado que tem adotado um processo acelerado de limpeza e esvaziamento de áreas estratégicas de grande interesse econômico cobiçadas por empresas nacionais e internacionais em praticamente todos os países da Pan-Amazônia nos quais os governos priorizam os grandes projetos, mesmo que estes resultem em danos socioambientais irreversíveis (OLIVEIRA, 2016, p. 35).

Mais de 80% da população da Pan-Amazônia vive nas cidade, que foram surgindo de forma precária, sem infraestrutura nem saneamento básico. Sousa (2016) alerta que mais da metade dos povos que vivem nas cidades está concentrada nas capitais e grandes centros urbanos da Amazônia. Para a referida autora,

Não é possível compreender a dinâmica urbano-regional da Amazônia sem a necessária leitura e articulação com os processos sociopolíticos e socioeconômicos no nível das múltiplas escalas espaciais, bem como seus nexos com a dinâmica do capital em busca por novos espaços de acumulação e a realidade concreta do desenvolvimento do capitalismo no país subdesenvolvido e periférico (SOUSA, 2016, p. 23-24).

A estratégia de concentrar populações inteiras nas cidades faz parte do processo de esvaziamento do campo, para liberar espaço para entrada do agronegócio baseado no monocultivo e na criação de gado em pastos extensivos. O crescimento das cidades não, necessariamente, significa proteção da floresta, muito pelo contrário. Povos inteiros que atuaram por séculos como guardiões das florestas e dos rios são deslocados compulsoriamente para as cidades. As florestas com as quais seus ancestrais conviveram milenarmente sem as destruir desaparecem sob o fogo em poucos dias, modificando drasticamente a paisagem e interferindo no bioma (VIEIRA; TOLEDO; HIGUCHI, 2018, p. 57).

Esses e outros temas de grande relevância são tratados no *Instrumentum Laboris* que prepara toda Igreja na Amazônia, nesse processo sinodal, como um verdadeiro *Kairós*, naquela perspectiva de Tillich (2000, p. 667), para quem “a experiência kairótica ocorreu sempre de novo na história das igrejas, embora esse termo não haja sido usado. Toda vez que o Espírito profético despertou nas igrejas, falou-se em ‘terceiro estágio’, o estágio do ‘governo de Cristo’ no período de ‘mil anos’”.

## 2. A colonização e as estratégias históricas de dominação na Amazônia

Uma das grandes ameaças à Ecologia Integral amplamente debatida e aprofundada no processo sinodal é a persistência de práticas colonizatórias ou o pensamento neocolonialista. Costa (2017) assegura que, numa relação de poder e dominação, a questão econômica na Amazônia tem sido colocada acima dos direitos à vida e ao território dos milhares de povos indígenas e populações tradicionais (comunidades quilombolas, ribeirinhos, seringueiros e tantos outros povos) que vivem nessa região. O referido autor analisa a Amazônia no famoso período da economia da borracha no início do século XX e assegura que tal processo histórico foi marcado pela violência, morte, conflitos em disputas de territórios e roubo das riquezas naturais. De forma resumida, Costa (2017, p. 10) afirma que:

Na Amazônia as relações de poder e dominação encontram-se presentes em todo processo histórico numa região cobiçada pelas riquezas naturais os interesses econômicos se apresentam em novos arranjos de controle e em diferentes níveis de dominação social, política e econômica dos povos e dos recursos da região e a estratégica omissão do Estado enquanto presença.

Para Costa (2017), uma estratégia covarde nos processos de dominação tem sido a fragmentação dos povos da Amazônia, que funcionou e continua funcionando como parte e continuidade do sistema colonizador. Nessa perspectiva, observa-se que o paradigma da colonização neoliberal capitalista, baseado na exploração e no extrativismo predatório,

não se importa com os danos que causa aos povos subjugados, à terra, às águas e às florestas. É um sistema de morte, genocida (GRONDIN; VIEZZER, 2018), ecocida e etnocida que vem maltratando a mãe terra, envenenando as águas, poluindo o ar, matando toda a criação. A recolonização neoliberal representa um processo, muitas vezes silencioso, que vem matando aos poucos a Amazônia e seus povos.

Para identificar o significado político da governação neoliberal, temos que prestar atenção não apenas àquilo que ela diz, mas também àquilo que silencia. São os seguintes os silêncios mais importantes da matriz da governação: as transformações sociais, a participação popular, o contrato social, a justiça social, as relações de poder, e a conflitualidade social. Foram estes os conceitos com que, na década de 1970, foi formulada a crise da legitimidade. Foram também os conceitos em que se alicerçou a teoria crítica moderna. Ao silenciá-los sem para eles oferecer uma alternativa positiva, a governação assinala a derrota da teoria crítica tanto no plano social como no plano político (SANTOS, 2005, p. 11).

Para Santos (2005), trata-se de um paradigma desenvolvimentista, fundado no capitalista neoliberal e pautado em estratégias imperialistas neocoloniais, com grande capacidade de destruição dos recursos naturais e da vida das pessoas, especialmente daquelas mais empobrecidas pelo sistema capitalista, que propõe uma cultura do consumismo caracterizada pela ostentação, desperdício e concentração. Esse paradigma gera desigualdades sociais, miséria e morte.

A criminalização das lideranças sociais faz parte da estratégia neocolonialista de silenciamento (SANTOS, 2015, p. 11). Quando não são culpabilizados pela atuação em defesa dos seus territórios e dos direitos humanos dos grupos que representam, são moralmente linchados por sua atuação social<sup>9</sup>.

A governação neoliberal (SANTOS, 2005, p. 11) tem produzido um paradigma de desenvolvimento que resulta em uma severa crise ambiental que tem mobilizado e desafiado a ciência e as tecnologias, na busca de saídas possíveis para um problema que é de todas as sociedades. Parece ser de comum entendimento que se trata de uma questão universal: "ou destruímos a natureza e nos afundamos com ela, ou nos salvamos através de uma nova forma de relação em que a vida dos seres humanos e de toda a natureza esteja em primeiro lugar" (GUDYNAS, 2011, p. 8).

Na contramão do capitalismo neoliberal, o paradigma do *bem-viver* tem, na ancestralidade, um ponto de partida fundamental e entende que o passado não é obsoleto, mas vínculo existencial até a geração presente. Isso permite um aprendizado permanente de cuidado com a vida cosmogônica que implica saber cuidar uns dos outros, de suas raízes culturais, da terra e de toda a criação. Esse paradigma produz uma ecologia integral baseada na comunhão e aliança universal entre tudo e todos interligados na *Casa Comum*, definida carinhosamente pelos povos indígenas como

---

9 Um exemplo é o caso do Padre Amaro Lopes, sucessor de Dorothy Stang na luta pela reforma agrária, no município de Anapú, no Estado do Pará. Foi preso, em março de 2018, acusado de cinco crimes pelo Ministério Público do Pará com denúncias encampadas por fazendeiros da região. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/quem-somos/12-noticias/conflitos/4303-analise-do-inquerito-que-motivou-a-prisao-de-padre-amaro-em-anapu-pa>>. Acessado em: 03 ago. 2019.

*pachamama*, a mãe terra, numa visão cosmogônica e numa referência à dimensão feminina da vida que brota da terra.

Enquanto o paradigma capitalista produz desigualdades sociais e econômicas, injustiças e violação dos direitos humanos, indicando que a humanidade tem se distanciado cada vez mais da *Pachamama*, o paradigma do *bem-viver* propõe a concepção indígena da convivência, interligação e interdependência entre as pessoas e a natureza na perspectiva da *ecologia integral* em que toda a criação se mistura com a terra, a grande *Casa Comum*. Na parte introdutória da Encíclica *Laudato Si'* (2015, p. 3), o Papa Francisco afirma que "esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos".

Essa consciência é extremamente política e necessária para compreender os fundamentos do Bem Viver, que pode ser entendido como uma "forma de relacionamento, que não tem nada a ver com os comportamentos de indivíduos egoístas que maximizam suas preferências, pode ser atribuída à noção de *Sumak Kawsay*" (DÁVALOS, 2010, p. 6).

O antigo preceito *Sumak Kawsay*, antes da chegada dos colonizadores, expressava uma permanente atitude de responsabilidade, de cuidado e proteção da sociobiodiversidade, em função de uma *civilização* justa, solidária e sustentável, totalmente distinta do modelo de progresso capitalista moderno com seu modo de produção, baseado na exploração e no consumismo (DÁVALOS, 2010).

O processo sinodal, tanto no seu documento base como no *Instrumentum Laboris*, acentua que as Terras Indígenas são territórios de resistência e de proteção da *Casa Comum*, lugar da convivência fraterna. Representam o último reduto dos diversos povos e nações que são os verdadeiros "guardiões da Amazônia". As Terras Indígenas e os territórios das comunidades quilombolas e dos povos tradicionais (camponeses, ribeirinhos e seringueiros) são lugares de convivência coletiva e da partilha dos bens. Por isso, o governo e o mercado têm tanto ódio desses povos e de quem assume a sua causa.

### 3. O papel das mulheres e a busca da *Terra sem Males*

Ao preceito do *Bem Viver*, soma-se o princípio da *Terra sem Males*, mito do Povo Guarani, presente na espiritualidade de praticamente todos os povos indígenas da Amazônia. A *Terra sem Males* refere-se a outro modo de vida que se contrapõe ao significado do progresso técnico e industrial desenvolvido pelos grandes empreendimentos empresariais, os quais vêm provocando imensuráveis processos de destruição da natureza e da biosfera e que têm, como referencial, a mundialização do mercado econômico, gerando zonas crescentes de miséria, pobreza e exclusão social e econômica em todo o mundo.

A *Terra sem Males* é um princípio eminentemente político porque implica em tomadas de decisões em defesa do direito coletivo à terra e aos bens que ela produz. Isso explica a luta pela terra e a coragem de tantos que são capazes de dar a própria vida em

sua defesa ou na defesa de seus verdadeiros donos.<sup>10</sup> Nessa perspectiva, a terra não é propriedade privada e comercializável. É território sagrado, *Casa Comum*, lugar que define identidades e a relação com o sagrado.

Nas culturas tradicionais, as mulheres têm um papel importantíssimo na busca da *Terra sem Males*. Elas são portadoras das práticas ancestrais capazes de garantir os princípios da *Terra sem Males*. Schienbinger (2001) recorda que, em todo continente ameríndio, as mulheres são as “guardiãs das sementes” que garantem a diversidade das espécies alimentares, especialmente do milho e das batatas.

Torres (2005) assinala a capacidade de organização política das “novas amazônidas” em defesa dos territórios em toda Amazônia. Além dos filhos, elas gestam sementes de uma nova humanidade, de um novo projeto de vida pensado a partir dos valores da criação e da *Casa Comum*.

Strathern (2006), assegura que as mulheres são portadoras das mudanças necessárias para se acompanhar, sempre com novo afinco, os processos políticos pelos quais passam as sociedades em qualquer parte do mundo. “Elas mudam”, afirma Strathern (2006, p. 16), de acordo com os desafios que se lhes apresentam.

Para Oliveira (2016, p. 146-147), “elas estão chegando de toda parte”. São migrantes, indígenas, camponesas, ribeirinhas, quilombolas, anciãs, jovens e meninas. De todos os lugares, “elas assumem importante protagonismo em todos os processos sociais e políticos na Amazônia”.

É inegável a ação das mulheres na experiência da ecologia integral. São elas que cuidam da vida e a defendem em todos os sentidos e dimensões, assumindo uma ação dinâmica que caminha de acordo com o tempo e a história. São mulheres de luta em defesa dos territórios de vida e de pertencimento. Doam, em martírio, suas vidas, consagradas como sementes que morrem para fazer surgir mais vida,<sup>11</sup> Doam seu tempo, seus saberes e sua ciência para garantir mais vida e vida em abundância em toda Amazônia. Por causa do seu comprometimento com os valores e princípios da ecologia integral, sofrem martírio, feminicídio e todo tipo de perseguição e preconceito, machismo e misoginia.

O processo sinodal reconhece o protagonismo das mulheres nas comunidades, pastorais, movimentos sociais e em todo conjunto da missão da Igreja na Pan-Amazônia (SÍNTESE REPAM, 2019). Da mesma forma, é inegável a sua participação e representatividade no mundo da política, nos movimentos sociais, nas organizações de mulheres negras (quilombolas), indígenas e camponesas. Entretanto, os países da Pan-Amazônia têm em comum um contexto atual muito marcado pela violência contra as mulheres, e alguns apresentam alto índice de feminicídio (IL, 146e). Trata-se de uma

---

10 Padre Ezequiel Ramin, jovem missionário e mártir, assassinado na Amazônia em 1985 aos 32 por ter se posicionado em defesa dos camponeses e povos indígenas. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-07/ezequiel-ramin-martir-amazonia.html>>. Acessado em: 03 ago. 2019.

11 Muitas mulheres consagradas deram suas vidas em defesa da Amazônia e seus povos. Neste texto, destacamos a Irmã Cleusa Carolina Rody, missionária Agostiniana Recoleta, mártir da causa indígena, assassinada em 1985, na prelazia de Lábrea, no Sul do Estado do Amazonas. Também a Irmã Dorothy Mae Stang, missionária de Nossa Senhora de Namur, assassinada em 2005, no município de Anapú, no estado do Pará em defesa da *casa comum*.

violência histórica que se instalou na região com os processos de colonização (COSTA, 2017). Mesmo numa conjuntura de violência contra as mulheres, é inegável o seu protagonismo na luta para superar todas as formas de opressão, machismo, misoginia e discriminação, legado do patriarcado.

O processo sinodal desafiou a Igreja a “identificar o tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher, tendo em consideração o papel central que hoje ela desempenha na Igreja amazônica” (IL, 129: A1; A2; A3; 145). Nessa perspectiva, a realidade específica da Igreja na Pan-Amazônia, fundamentada na experiência da Igreja primitiva, quando “respondia a suas necessidades criando os ministérios oportunos” (Atos dos Apóstolos 6,1-7; 1 Timóteo 3,1-1), reconhece a vez e a hora das mulheres, assumindo seus carismas e talentos e o espaço que Jesus reservou também a elas, “onde todos/todas cabemos” (SÍNTESE REPAM, 2019). Propõe-se “inclusive que às mulheres seja garantida sua liderança, assim como espaços cada vez mais abrangentes e relevantes na área da formação: teologia, catequese, liturgia e escolas de fé e de política” (SÍNTESE REPAM, 2019).

A experiência da Igreja na Pan-Amazônia aponta que a voz das mulheres seja ouvida, que elas sejam consultadas e participem nas tomadas de decisões e, desse modo, possam contribuir com sua sensibilidade para a sinodalidade eclesial (SÍNTESE REPAM, 2019). Nessa perspectiva, é justo que a Igreja acolha cada vez mais o estilo feminino de atuar e de compreender os acontecimentos.

Diversas literaturas no campo teológico revelam que não existe nenhum impedimento canônico, nem teológico que justifique a negação do diaconato feminino, nem de outros ministérios voltados para as mulheres. A história está carregada de experiência de mulheres engajadas em serviços pastorais estáveis, definidos desde a época neotestamentária, "diakonos", "diakonai", "diakonissai", "diaconae", "ministrae", "diaconissae", dedicadas às funções literárias, canônicas, epígrafes funerárias e ritos litúrgicos, de tradição oriental e ocidental (SIMONELLI, 2015).

O pedido do diaconato para amulheres não é recente. Já surgiu em alguns sínodos e congressos pastorais europeus e norte-americanos<sup>12</sup> e tornou-se objeto de análise aprofundada específica pelas associações para a ordenação de mulheres na Igreja Católica.<sup>13</sup> Também tem sido amplamente tematizado em conferências e convenções sobre o diaconato internacional.<sup>14</sup> O tema vem sendo paulatinamente retomado e

---

12 Sínodos pastorais da Suíça em 1972, 1975; Sínodo Austríaco de 1974; Colóquio europeu das paróquias (1975); Sínodo Geral das Dioceses da República Federal da Alemanha (Würzburg 1975); Congresso pastoral de católicos na Inglaterra e no País de Gales (1977 e 1978); Comissão de Estudo: Mulher na Igreja da República Federal da Alemanha (1979); Conselho Pastoral dos Estados Unidos (1988); Sínodos das dioceses de Rottenburg-Stuttgart (1986), de Hildesheim (1990) e de Florença (1991); Trier Catholic Council (1995); "Memorandum Church", assinado por 144 teólogos e teólogas de língua alemã (2011); "Associação dos Padres Católicos Irlandeses" em 2014; Terceiro Congresso mundial para o apostolado dos leigos (Roma 1967), que pediu um estudo teológico sobre o assunto.

13 Conferência sobre Ordenação de Mulheres (Detroit 1975); Ordenação de Mulheres Católicas (UK 1993); Mulheres Católicas Romanas Sacerdotes (EUA, 2002).

14 Conferências de estudo do Centro Internacional de Diaconato (Innsbruck, 1973, 1977, 1978; Kotrijk, 1979, Varese, 1981; 1984; 1989; etc.). O estudo da Canon Law Society of America (1995) é extremamente relevante, intitulado “As implicações canônicas da ordenação de mulheres para o diaconato

relançado por alguns bispos no importante contexto do Sínodo dos Bispos e nos trabalhos das Conferências Episcopais.<sup>15</sup>

A reflexão sobre os diáconos / diaconisas é colocada na fase pós-conciliar no horizonte mais amplo do debate sobre a ordenação ministerial das mulheres, enquanto recebe, em alguns autores e em torno de algumas perspectivas interpretativas do ministério, atenções e contribuições específicas (NOCETI, 2006).

Dada a realidade muito específica da Pan-Amazônia, na perspectiva da ministerialidade e à luz da sinodalidade, propõem-se ministérios não ordenados para as mulheres leigas de forma ampla, com a finalidade de oficializar seu papel nas comunidades e igrejas locais, entendendo o ministério como serviço e ação pastoral que já ocorrem em praticamente todo território Pan-Amazônico, de maneira a garantir a dignidade e a igualdade da mulher, leiga ou religiosa, na esfera pública, privada e eclesial (SÍNTESE REPAM, 2019).

Dentre os diversos ministérios que podem ser conferidos especialmente às mulheres, propõem-se o Ministério da presidência da celebração da palavra; Ministério da Coordenação ("*moderari*") que exerce serviços de proclamação e catequese, animação pastoral de comunidades sem presbítero; Ministério das atividades social-caridosas, reconhecidas como verdadeiros ministérios diaconais; Ministério da Pastoralidade (coordenações de pastorais); e o Diaconato de mulheres na perspectiva do Vaticano II, "fortalecido pela imposição das mãos, transmitido desde o tempo dos apóstolos, e mais intimamente unido ao altar" - *altares arctius coniuncti* (LG 29; AG 16; IL 129, C2).

## Conclusão

O Processo sinodal tem nos permitido retomar o histórico de lutas e resistências dos povos da Amazônia à luz da Ecologia Integral e na busca de novos caminhos para a Igreja nessa imensa região. O exercício de escuta e as mudanças profundas que já se observam na caminhada da Igreja apontam para novos caminhos.

O Sínodo tem proporcionado maior conhecimento sobre a Amazônia, trazendo para o debate a sua sociobiodiversidade, a identidade e cultura de seus povos e as diferentes formas de se entenderem seus valores e suas cosmologias com suas espiritualidades interligadas com toda a criação. Isso tem provocado um processo de abertura e de acolhimento às diversas experiências vivenciadas nas mais longínquas realidades e contextos da imensidão da Amazônia.

Como sinaliza Costa (2017), muitas são as estratégias de poder e dominação que se processam historicamente em toda extensão da Amazônia desde a colonização. No entanto, o processo sinodal tem contribuído para se reconhecer que também muitas são as estratégias de sobrevivência e resistência dos povos da Amazônia.

permanente”.

15 Discurso do presidente da Conferência Episcopal do Canadá no Sínodo dos Bispos em 1971; Documento sobre a questão da mulher na igreja e na sociedade do Secretariado da Conferência Episcopal Alemã de 1981; Intervenção do bispo de Kottayam (Índia) no Sínodo dos Bispos em 1987; Conferência dos Bispos da Suíça (1994); intervenção C. M. Martini, no Sínodo dos Bispos Europeus de 1999; intervenção do J.P. Durocher (Quebec) no Sínodo dos Bispos em 2015. Devem ser lembradas também as intervenções do Card. Basil Hume (1985), de Mons. Karl Lehmann e Mons. John R. Quinn.

Por fim, o processo sinodal representa um marco importante na história da Igreja na Amazônia, reafirmando sua aliança com os pobres, os indígenas, os camponeses e quilombolas. Os resultados desse processo e a caminhada Pós-Sínodo contribuirão para que a Igreja caminhe orientada pelos valores da Ecologia Integral nessa imensa Casa Comum.

## Referências

- COSTA, Willas Dias da. *Os padrões do Purus: elites fundiárias, poder e novas dinâmicas territoriais no sul do Amazonas*. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- COUTINHO, Leopoldo Magno. O conceito de bioma. *Acta botanica brasílica*, São Paulo, vol. 20, n.1, p. 13-23, Jan./Mar. 2006.
- DÁVALOS, Pablo. Sumak Kawsay: uma forma alternativa de resistência e mobilização. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 340, p. 5-9, 23 de ago. 2010.
- GRONDIN, Marcelo; VIEZZER, Moema. *O Maior Genocídio da História da Humanidade – mais de 70 milhões de vítimas entre os povos originários das Américas – Resistência e Sobrevivência*. Toledo: Princeps, 2018.
- GUDYNAS, Eduardo. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. *América Latina em Movimento – ALAI*, Quito, n° 462, p. 1-20, fev. 2011.
- NOCETI, Serena. Mulheres e Ministério: uma questão incômoda. Diretrizes e perspectivas interpretativas na reflexão teológica das mulheres. In: CALAPAJ BURLINI, A. (ed.). *Liturgia e ministérios eclesiais*. Roma: Edições Litúrgicas, 2008. p. 67-99.
- OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Dinâmicas Migratórias na Amazônia contemporânea*. São Carlos: Editora Scienza, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da governação neoliberal: o Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 72, p. 7-44, out. 2005.
- SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- SIMONELLI, C; FERRARI, M. (edd.). *Una chiesa di donne e uomini*. Calmadoli: Edizioni Camaldoli, 2015
- SOUSA, Norma Maria Bentes de. *Urbanização do Amazonas entre o passado e presente: a manutenção da primazia urbana de Manaus*. 2016. 284 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- TANSLEY, A. G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology*, Washington, vol. 16, n. 13, p. 284-307, jul. 1935.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- TORRES, Iraíldes Caldas. *As novas Amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

VIEIRA, Ima Célia Guimarães; TOLEDO, Peter Mann de; HIGUCHI, Horácio. A Amazônia no antropoceno. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 70, n.1, p. 56-59, Jan./Mar. 2018.

### Lista das Siglas

AG - Decreto *Ad Gentes*: sobre a Atividade Missionária da Igreja, Paulo VI, Concílio Vaticano II, 1965.

DAp. - Documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (CELAM), Aparecida, Brasil, 2007.

EC - Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, Francisco, 2018, Documentos Pontifícios 36.

EG - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco, 2013.

LS - Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum, Francisco, 2015.

IL - *Instrumentum Laboris* – Documento de Trabalho da Assembleia Especial para a Região Panamazônica do Sínodo dos Bispos, realizado em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019.

SÍNTESE REPAM - AA.VV., REPAM, Amazonía: Nuevos Caminos para la Iglesia y para la Ecología Integral. Síntesis general de la red eclesial Panamazónica – REPAM – Asambleas Territoriales, Foros Temáticos, Contribuciones especiales y escuchas sobre el sínodo, Secretaría Ejecutiva de la REPAM, Quito, 2019.